



Educação & Desigualdades Sociais no filme *Escritores da Liberdade*

Francisco Moreira Ribeiro Neto¹

Resumo

Este texto pretende analisar alguns elementos relacionados à educação e as desigualdades sociais entre os alunos, professores e a escola *Woodrow Wilson* do filme *Escritores da liberdade* (2007). Para tanto, procura-se salientar como as estruturas educacionais reproduzem um sistema de reprodução de desigualdades existentes num lugar que se intitula neutro, de livre acesso e igualitário como a escola. Por fim, procura-se estabelecer métodos para mudanças nessa estrutura educacional, instrumentos estes que partem de uma prática docente comprometida e do reconhecimento das diferenças no espaço escolar.

Palavras chave: Educação. Reprodução social. Desigualdades Sociais. Transformação pelo ensino.

Education & Social Inequalities in the film *Freedom Writers*

Abstract

This text intends to analyze some elements related to education and social inequalities between students, teachers and Woodrow Wilson School of the film *Freedom Writers* (2007). To this end, it seeks to highlight how educational structures reproduce a playback system of inequalities in a place that calls itself neutral, free and equal access to the school. Finally, they are seeking to establish methods to changes in the educational structure, these instruments starting from a committed teaching practices and the recognition of differences within the school.

Key words: Education. Social reproduction. Inequalities Social. Transformation in Teaching.

¹ Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará no ano de 2015. Com interesse em assuntos relacionados a Gênero, Linguagem e Sexualidade, Masculinidades, Pornografia, Questões Étnico Raciais, Interpretação cinematográfica, Educação e Marcadores Sociais da Diferença, além de ser Integrante do Movimento Universitário em Defesa da Diversidade Sexual - Grupo Orquídeas do Pará. A primeira versão deste trabalho foi apresentado como requisito parcial para a obtenção de créditos da disciplina, *Introdução à Educação*, ministrada pela professora Lenni Trivisan, no curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Pará (UFPA), no 4º período de 2013, contribuindo para a revisão bibliográfica sobre Educação, (Re)produção e Desigualdade Social, aqui elucidados. Além disso, gostaria de agradecer à Dielly da Silva Castro (Ciências Sociais/UFPA), pela leitura e ajuda constante na confecção deste texto.

E-mail: netodellmar@hotmail.com

Cinema & Educação

Ir ao cinema para assistir determinado filme não é somente ir ao cinema, já que há toda uma maquinaria por trás disso que nos impulsiona para o escurinho da sala de projeção, que vão das revistas e sites especializados, a festas de premiações sobre cinema como o Oscar. Um dos primeiros filmes rodados comercialmente ocorreu em 28 de dezembro de 1895, chamado *A chegada de um trem na Estação de La Ciotat* (1895), dos irmãos Lumière.

Nele havia imagens de uma locomotiva em movimento, o que parecia verdadeiro aos olhos daquele público, até então inexperiente com essa nova tecnologia da imagem.

Nesse sentido, o cinema, visto como uma das grandes indústrias de entretenimento da atualidade vem fascinando plateias de diferentes épocas e lugares, se multiplicando em diferentes temas ao longo do tempo como dramas, comédias, terror e outros. O tema da educação vem sendo explorado em diferentes perspectivas nessa indústria por meio dos filmes como *Ao Mestre com Carinho* (1967), *Mentes Perigosas* (1995), *O Sorriso da Mona Lisa* (2002), *Educação* (2010), entre outros, que nos ajudam a problematizar sociologicamente normas sociais por meio de suas imagens.

O cinema, nesse sentido, adquire um duplo aspecto, um que diz respeito à técnica de reproduzir o real de forma mimética na tela do cinema, não sendo propriamente o real, mas que, a partir de suas imagens, representa o real e dele retira empiricamente suas ideias para produzir filmes ou como sintetiza HIJIKI (1998, p. 42), “a arte teria a propriedade de sintetizar a experiência social cotidiana”, sendo o tema da educação um campo aberto de interpretações que são capazes de mobilizar nossos esforços para perceber como os parâmetros curriculares são representados no cinema.

Desse modo, este trabalho procura analisar as construções sociais desiguais em que a escola, corpo docente e a educação são representadas no filme *Escritores da liberdade* (2007), já que nela se encontra um ideal de escola, onde certos alunos são valorizados em detrimento de outros, mostrando-nos como ela (re)produz um sistema social desigual, onde não deveria ocorrer como instituição social, já que diferenças de classe, nacionalidade (migrantes) e raça(etnia), são evidenciadas entre uma cena e outra, deixando transparecer normas sociais que (re)produzem e controlam suas vidas.

Educação & (Re)produção Social

No início do século XX, predominou nas Ciências Sociais e mesmo, no senso comum, uma visão otimista de inspiração funcionalista em relação à educação, que lhe atribuía um papel

central na superação de problemas relacionados à economia, ao autoritarismo e aos privilégios de classe. A escola, assim entendida, por meio de seu acesso gratuito, garantiria igualdade de oportunidades, independente de classe social, raça (etnia) e gênero (homens e mulheres) e/ou nacionalidades, entre outros marcadores sociais, o que vem sendo contestado ao longo do tempo.

Supunha-se que por meio dessa escola, que seria “neutra”, se resolveria o problema do acesso a ela, uma vez que os alunos “competiriam entre si em condições iguais”. Na década de 60, após inúmeras pesquisas sobre educação, verificou-se que isso seria um engano, uma vez que o peso da origem familiar sobre cada aluno seria muito grande e por isso, essa “igualdade” de oportunidades seria uma “reprodução do sistema social” vigente como salienta (GONÇALVES & GONÇALVES, 2002, P.71), uma vez que por traz dessa entrada massiva e igualitária residiria formas segregadoras de exclusão social como, por exemplo, quando alguém diz que “este ou aquele aluno leva jeito pra estudar, enquanto outros não”, marcando de antemão quem será incentivado ou não aos estudos dentro do espaço escolar.

Este sistema de (re)produção encarnado sob a forma de capitais (econômico, cultural e social), que varia em termos quanti/qualitativos de uma classe social para outra, se dá “primeiramente de dentro para fora e não seu inverso” como nos diz BOURDIEU apud (GONÇALVES & GONÇALVES, 2002, P.71), pois é no seio familiar que os primeiros “habitus” familiares e de classe se dão, incluindo nisso a “cultura geral”, isto é, os gostos em arte, culinária, vestuário, esporte, etc..., que irão compor os diferentes campos de possibilidades sociais que cada sujeito adquire e expressa através de si, não sendo essas disposições rígidas, mas, orientações que conduzem os indivíduos em cada organização cultural.

Há, nesta concepção de capitais, hierarquias de valoração, já que um “capital” dá subsídios para que outros sejam incorporados com mais ou menos facilidade e em diferentes graus pelos sujeitos ao longo da vida, é o caso do “capital econômico”, que proporciona mais suporte aos indivíduos quando consideramos relações de classe como distinção social, pois em sociedades capitalistas como a nossa, ter ou não ter dinheiro, pertencer a uma classe social ou outra são fatores que proporcionam possibilidades de aquisição de vários capitais como o “capital social”, que seria a influência mantida pela família através dos bens simbólicos e o “capital cultural”, institucionalizado pelo título escolar, que tem na aquisição de um diploma do ensino médio e/ou universitário, capitais “quantitativos” e “acumuláveis”, a exemplo dos proporcionados pelo sistema escolar do filme em questão.

Nesse sentido, o filme *Escritores da liberdade* (2007), apresenta um bom exemplo de análise fílmica dessa (re)produção de desigualdades sociais através da educação, que se auto intitula igualitária, de livre acesso e que avalia seus educandos de maneira neutra e imparcial.

Na escola *Woodrow Wilson* (Califórnia/Estados Unidos) , onde a trama do filme se desenvolve, houve uma “integração voluntária”, que seria a integração de alunos de outros bairros da cidade, principalmente “emigrantes”, “pobres” e “negros” sem estruturas sociais (“familiares” e “econômicas”), que lhes possibilitassem um ensino de qualidade em seus próprios bairros, como também, outros alunos advindos de reformatórios juvenis e prisões.

Essa escola, conforme a fala da diretora Margeret Campbell (Imelda Staunton), perdeu desde então 75% de seus melhores alunos e o título de uma das melhores escolas de sua região, devotando a culpa por esta situação aos novos alunos, sendo que essa situação lhe parecia sem volta para a escola.

Vemos, nesse sentido, um modo negativo de pensar o outro, que é diferente da norma instituída como desejável e que por isso é rejeitado por não compreendermos seu modo e ponto de vista, como nos diz MORIN (2000, p.96), “a self-deception é uma tapeação de si próprio, provocada pela auto justificação, pela auto glorificação e pela tendência de jogar sobre outrem, estrangeiro ou não, a culpa de todos os males”, pois a diretora julga os novos alunos (estrangeiros) como os responsáveis pelo declínio de rendimento e insucesso da instituição, sem levar em consideração a responsabilidade da escola neste quesito.

A escola *Wilson* parece retirar de si uma de suas finalidades, ser produtora de mudanças sociais, pois hierarquiza seus alunos como melhores ou piores, como se alguns trouxessem “naturalmente” uma vocação para o estudo e outros não, e com isso, a escola não procura mudar, tanto na estrutura docente quanto no conhecimento desse “novo” público para colocá-los em pé de igualdade de oportunidades.

Com isso, esta escola passa a não acreditar no seu potencial transformador da sociedade através da educação, perdendo igualmente sua função humana de crítica e despertadora de criticidade para aqueles que consomem a escola, isto é, seus alunos.

A professora Erin Gruwell (Hilary Swank), ao chegar para lecionar na escola *Wilson* no ano de 1994, se choca com o tipo de educação repassado para os alunos de sua turma do primeiro ano, que ainda possuem um nível de leitura igual ao de crianças da quinta série do nível fundamental.

Esses alunos estão atrasados educacionalmente para suas idades, sendo que muitos “abandonam com facilidade a escola”, como relata a diretora da escola, colocando novamente a culpa nos alunos sem levar em consideração suas trajetórias de vida e seus campos de possibilidades sociais junto à escola.

A professora procura auxílio da diretora para indicar um livro aos alunos que lhes falassem sobre o holocausto (*O Diário de Ann Frank*), pois eles não sabiam o que era ou foi o holocausto. A diretora, em contrapartida, foi categórica dizendo que “eles não entenderiam o livro”, o que nas palavras FREIRE (2011, p. 27), podemos vislumbrar uma “educação bancária”, sendo aquela que inibe a criatividade do educando e do educador pelo próprio processo de aprender, já que o livro sobre o holocausto “seria” complicado para seus níveis de leitura, dizendo em seguida, que “não se pode forçar a alguém querer educação” e que a melhor coisa que a professora Gruwell, poderia fazer era “lhes ensinar a obedecer e a ter disciplina”.

A escola *Woodrow Wilson* funcionava como uma carimbadora das desigualdades raciais, econômicas e sociais dos alunos e não como um espaço voltado para crítica e mudança desses marcadores sociais. Essa escola se organiza num tipo de (re)produção social onde se naturaliza, arbitrariamente, um modo de pensar e de se enquadrar os sujeitos em determinadas categorias, que não lhes possibilita vislumbrar ascensão e mudanças sociais através da educação como nos diz BOURDIEU apud GONÇALVES & GONÇALVES (2010, p. 71), sobre a reprodução do sistema escolar,

Os sistemas escolares assumem como função inculcar a cultura. Mas acontece que essa cultura é distribuída de forma desigual e, ao mesmo tempo, inculca o reconhecimento do que é dado como a cultura em sua universalidade é inculcar o reconhecimento do privilégio daqueles que possuem essa cultura (BOURDIEU apud GONÇALVES & GONÇALVES, 2010, p. 71).

Desse modo, por meio dessa interpretação sobre educação e desigualdades sociais vemos como a escola privilegiava alguns alunos em detrimentos de outros, a exemplo das “turmas distintas” como aqueles que possuem boas notas, que parecem possuir certos “dons” para aprender, enquanto outros como os alunos da “professora G”, são empurrados pelo mesmo sistema de ensino que não tenta possibilitar mais mudanças sociais em suas vidas, mas (re)produz habilmente a exclusão social que deveria diminuir como visto no filme *Escritores da Liberdade* (2007).

(Re)conhecendo Diferenças, Ampliando Fronteiras

No filme *Escritores da Liberdade* (2007), o espaço físico da sala de aula 203, abriga uma diversidade de pessoas com diferentes histórias. Este fato torna-se fundamental para que a professora Erin Gruwell se inteire dessa diversidade social para compreender de que locais esses alunos vêm, quais são suas realidades, como veem a educação e o que esperam da vida.

Ensinar, nessa perspectiva, significa para professores e alunos, um aprendizado mútuo de construção de conhecimentos que enriquecem cotidianamente a vida intelectual e social de ambos como nos lembra FREIRE (2011, p. 25), “forma-se enquanto forma o educando é reformar-se enquanto ensina, ou seja, a educação é uma via de mão dupla, tanto para o aluno quanto para o professor”, o que vemos no entusiasmo em ensinar vistos na personagem da professora Gruwell.

Para produzir um ensino diferenciado e (re)conhecedor das diferenças sociais nos sistemas escolares é preciso superar todo um regime que inibe a criatividade pelo próprio processo de aprender. Para tanto, é preciso ter acesso à capacidade de rebeldia, aguçando sua criatividade para se arriscar contra esse tipo de educação, que oscila entre a passividade e a obediência, paralisando igualmente o pensamento.

Nessa conjuntura, a professora Erin Gruwell percebe essas disparidades dentro de um espaço que deveria ser voltado para ensinar de maneira consciente e crítica, onde os educandos se (re)conhecessem no meio em que vivem e se tornem críticos de suas condições cotidianas em Long Beach (Estados Unidos), seja na “pequena cambodia”, no “gueto”, na “terra dos branquelos”, no “sul da fronteira ou pequena Tijuana” como nos descreve uma das alunas da sala 203, Eva Benitez (April Lee Hernández), o que não ocorre na escola “Woodrow Wilson”, pois numa discussão calorosa entre Eva Benitez e a professora Gruwell, vemos os preconceitos de classe e raça (etnia), demarcarem posições entre professores e alunos,

Eva: Os brancos sempre querem respeito como se merecessem de graça.

Gruwell: Sou professora, a cor não importa.

Eva: Tudo é uma questão de cor. Trata-se dos outros decidindo o que você merece. Os brancos acham que mandam no mundo, odeio brancos.

Gruwell: Você me odeia?

Eva: sim.

Gruwell: Você não me conhece.

Eva: Sei do que é capaz.

(*Escritores da Liberdade*, 2007).

A professora começa tomando para si a responsabilidade de educadora, que possibilita ao educando uma visão ampla da sociedade e de suas contradições, possibilitando mudanças dentro e fora da escola através de suas aulas.

Para isso, ela começa deixando de lado os preconceitos de classe, gênero, raça (etnia) e nacionalidade que ofendem e marca negativamente de seus alunos, tanto da escola em relação aos alunos, quanto dos alunos entre si.

Ela passa a (re)conhecer naqueles alunos a pessoa e o ser humano que está para além dos rótulos de demarcação social como ser “negro”, “branco” ou “asiático” e passa a questionar esses marcadores com um modo de ensinar pouco visto entre os alunos, pois como diria FREIRE (2011, p. 56), “a prática preconceituosa de classe, gênero, raça (etnia), ofende a substancialidade do ser humano, negando a ele radicalmente a democracia”, o que os alunos começam a ter com a ajuda da docente.

Para isso, a professora G lança mão de métodos educacionais que estimulam os alunos refletirem sobre suas condições de vida por meio da educação. Como primeiro método, ela começa trazendo uma música que fala sobre suas realidades, a exemplo do cantor negro Tupac Shakur (mais conhecido como 2pac em inglês), que os “diferentes” alunos passam a se (re)conhecer com uma identidade de grupo, já que a música do cantor deixa transparecer que os alunos possuem algo de comum.

Como segundo método, ela pede aos alunos para se misturarem na sala de aula, já que pelas inimizades territoriais (gangues), de classe, gênero e cor (etnia), os alunos segregam seus espaços dentro e fora da sala de aula, o que primeiramente é contestado, mas aos poucos é acatado pelos alunos, desfazendo fronteiras artificiais de antigas inimizades.

Num terceiro método, pede para que eles escrevam um diário sobre seu dia a dia, o que lhe proporciona conhecê-los intimamente, assim como, eles próprios, que passam a se (re)conhecer enquanto sujeitos, se indagando sobre suas escolhas e posições sociais por meio das leituras, discussões em sala e escrita de suas histórias de vida.

Nesse filme, se a escola parece inibir a capacidade crítica do educando, coube à professora Erin Gruwell (Hilary Swank), recuperar essa capacidade crítica na sua própria forma de ensinar. Ela realiza isso com esforço, diferentemente de seus colegas de profissão, pois começa alargando os horizontes perceptivos desses alunos, criando formas diversas de se vê/estar no mundo enquanto produtores e não somente consumidores passivos de conhecimento dando-lhes, com isso, autonomia crítica.

Toda essa experimentação e tolerância do outro, proporcionado pela professora G, culminou com a ida dos alunos ao museu do holocausto e depois com todos os alunos da turma fazendo festas para arrecadar dinheiro para a vinda de uma das sobreviventes do holocausto, a

qual ajudou Anna Frank sobreviver, uma mudança significativa do “eu” através da educação, pois como diria FREIRE (2011, p.96), “ensinar é uma forma de intervenção no mundo” e, o que antes era impensado entre os alunos, já que eram desunidos e inimigos uns dos outros, torna-se uma realidade palpável na escola *Wilson*.

Nesse ínterim, para um educador em formação é necessário que se assuma como um sujeito produtor de conhecimento, uma vez que ensinar não significa somente transferir conhecimentos, mas possibilitar aos alunos uma ponte para se reconhecerem enquanto sujeitos éticos e tolerantes, onde possam, a partir daí, (re)construir seus próprios conhecimentos em prol de uma vida mais digna de ser vivida.

Assim, a escola *Wilson*, assim como qualquer instituição escolar, exige que cada um dos integrantes (alunos, professores, diretores e sociedade em geral), para que não valorize certos grupos em detrimento de outros como visto no nesse filme, pois a criatividade, tolerância, sensibilidade e atenção para com os outros fez com que tanto a professora Erin Gruwell, quanto seus alunos modificassem formas de percepção da realidade e com isso, ampliassem atitudes éticas para viverem melhor dentro e fora da escola por meio da educação.

Terminando a Aula

Se no início de sua formação a escola representou um meio de superação de problemas advindos da economia e do autoritarismo, como vimos no início desse trabalho, verificou-se que sua aparente neutralidade e igualdade era/é um engano, pois a escola traz consigo a marca das distinções sociais nas suas cadeiras escolares de forma arbitrária, legitimando como natural o que não é natural como quando escolhe este ou aquele aluno como tendo certo dom para aprender e outros não.

Mas, se ela é um mecanismo de (re)produção das desigualdades sociais, como vimos, ela também é um espaço voltado para desdobramentos educacionais dentro deste sistema, formas subversivas eficazes para micro mudanças no e para o dia a dia daqueles que anseiam descortinar a realidade, reconhecendo-se como agente ativo neste processo, pois é na própria educação que se encontra os elementos de transformação do ensino em diferentes tempos e lugares.

Por fim, é com a tomada de responsabilidade de professores e da escola como um todo, a exemplo da personagem Erin Gruwell, que a escola assume seu papel social mais próximo do fim para o qual foi pensada, isto é, transmitir valores e formar comportamentos “padronizados” aceitos pela sociedade, como também, um espaço de questionamentos de valores prejudiciais à democracia, proporcionando mudanças sociais e igualitárias, dando a cada indivíduo um sentido

humanitário à sua existência com menos preconceitos de classe, raça(etnia), nacionalidade, pois este é o fim último da educação como visto no filme *Escritores da Liberdade* (2007).

Referencias

BERNADET, Jean-Claude. *O que é cinema?* São Paulo, Editora Brasiliense, 2012.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.* São Paulo, Paz e Terra, 2011.

BOURDIEU, Pierre. In GONÇALVES, Nadia G. & GONÇALVES, Sandro A. *Pierre Bourdieu: educação para além da reprodução.* Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

HIJIKI, Rose Satiko Gitirana. *Imagem-Violência: mimeses e reflexividade em alguns filmes recentes.* 1998. 140 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, Primavera, 1998.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro.* 2 ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

Filmografia

[A Chegada do Trem na Estação de Ciotat. (The Arrival of the Train at Ciotat Station). França, 1895, 83min. Dirigido por Louis LUMIÈRE & Auguste LUMIÈRE.]

[Ao mestre, com carinho. (To Sir, With Love). Reino Unido, 1967, 1h 45min. Dirigido por James Clavell.]

[Educação. (An Education). Estados Unidos & Reino Unido, 2010, 1h 35min. Dirigido por Lone Scherfig.]

[Escritores da liberdade. (Freedom Writers). Estados Unidos, 2007, 2h 03min. Dirigido por Richard LaGravenese.]

[Mentes perigosas. (Dangerous Minds). Estados Unidos, 1995, 1h 39min. Dirigido por Jhon N. Smith.]

[O sorriso da Mona Lisa. (Mona Lisa Smile). Estados Unidos, 2002, 2h 05min. Dirigido por Mike Newel.]